RESENHA DE VÍDEO:

***Off the verandah*, 1985**

escrito e apresentado por Bruce Dakowski e produzido e dirigido por Andre Singer

Luís Rodolfo Vilhena

Off the verandah é um documentário que integra a série *Strangers abroad*, que descreve a vida e as principais idéias de alguns dos pesquisadores que construíram a antropologia moderna. Dentre estes, o objeto do filme em questão, Bronislaw Malinowski, é certamente um dos que dificilmente poderiam faltar em um projeto dessa abrangência. Independente das diferentes avaliações que receberam seus estudos e teorias, ao revolucionar definitivamente o método de pesquisa antropológico, esse polonês radicado na Inglaterra garantiu um lugar ímpar no *pantheon* da disciplina.

Dessa forma, o documentário equilibra-se relativamente bem em meio aos riscos envolvidos no projeto de focalizar esse personagem. O tom geral é evidentemente o do elogio e do reconhecimento da importância da sua contribuição. No entanto, o espectador familiarizado com o debate mais contemporâneo sobre o lugar de Malinowski na história da disciplina consegue reconhecer, aqui e ali, a influência de leituras mais críticas a seu respeito que, se não dominam a apresentação de sua vida e obra, impede a repetição dos mitos heróicos que o próprio Malinowski contribuiu para que se tecessem em volta de sua fama.

Sendo esse um trabalho, como parece ser a tônica da série que ele integra, de caráter basicamente didático, não seria o caso de desenvolverem esse tipo de polêmicas. Seu objeto é apresentado dentro de um estilo mais descritivo, no qual ressalta-se continuamente a inegável importância dessa obra para a Antropologia. Mesmo assim, percebe-se no próprio título do documentário a influência (não citada) da cuidadosa exegese do mito que Malinowski criou em torno da "Magia do etnógrafo" desenvolvida por George Stocking em seu artigo no primeiro número da série *History of Anthropology*, que este próprio organiza desde 1983.

O próprio Stocking já usara em seu artigo recursos visuais — no caso fotográficos —, para exprimir o tema reapropriado pelo título do livro: o contraste entre a imagem do mestre de Malinowski, Charles Seligman, numa varanda cercado de nativos e a belíssima foto produzida pelo polonês de dentro de sua tenda situada dentro da aldeia onde, sob a silueta do pesquisador trabalhando em sua em um precário banquinho em frente a uma máquina de escrever, aparecem as malocas de Omarakana e os nativos que o observam. No filme em questão, o seu apresentador e roteirista Bruce Dakowski aparece rapidamente, depois de descrever os "anos de formação" de Malinowski, focalizado à distância em uma varanda de um ilha tropical, para passar o resto do filme percorrendo e falando de dentro da mesma aldeia no arquipélago de Trobriand em que o antropólogo polonês estabeleceu sua base, criando um novo e intenso padrão de interação entre o sujeito e objeto da antropologia chamado de "observação participante".

Esse se revela — em particular ao espectador que já conhece a obra desse autor — o grande atrativo do filme. Ao mesmo tempo em que descreve os principais temas e preocupações das monografia de Malinowski sobre os trobriandeses, o narrador vai apresentando imagens contemporâneas da aldeias do arquipélago na qual vemos vários dos costumes descritos naqueles livros, como a confecção de uma imponente canoa para o comércio do *kula* ou a realização de encantamentos ligados à magia agrícola. Indo além do que era possível ao pesquisador polonês em seu esforço em trazer-nos o ponto de vista do nativo, são coletados depoimentos dos próprios trobriandeses que nos relatam porque participam daquelas trocas ou acreditam naqueles encantamentos. Relativizando esse paralelismo entre o passado e o futuro, há o tocante depoimento de um dos dois únicos anciões até então vivos que conheceram Malinowski que descreve seu impacto na vida da aldeia e, em outro momento, reproduz velhos cantos gravados pelo antropólogos em cilindros de cera.

Há também depoimentos de "nativos" da sociedade do pesquisador que comentam a importância de sua obra, particularmente os dos dois antropólogos que reinvindicaram com mais força a herança malinowskiana: Raymond Firth e Edmond Leach. Os detalhes mais pessoais da personalidade e do cotidiano do antropólogo são fornecidos pela ex-aluna Lucy Mair e pela sua filha Helena Wayne. O próprio

Malinowski também "fala" durante o filme, através da leitura de trechos marcantes de suas obras principais com um curioso sotaque polonês, geralmente acompanhadas de filmes antigos em preto e branco, enquanto as explicações mais detalhadas são dadas pelo apresentador Dakowski, por vezes *in loco*, mostrando cenas atuais.

A consultoria antropológica de Peter Riviere mostra seus principais efeitos benéficos na correta e didática descrição do significado do método funcional proposto por Malinowski, assim como nas detalhadas descrições do circuito do *kula* — ponto alto, desse ponto de vista, do filme — e das crenças sobre a magia. Porém, o momento mais fraco do documentário do ponto de vista teórico é sem dúvida a tola busca de ancentrais totêmicos na caverna de onde os trobriandeses afirmam ter emergido a humanidade, busca que parece ignorar a conhecida descrição da mitologia por aquele autor como uma "chart of social relations". A discussão sobre as descrições da "vida sexual dos selvagens" também recebe um certo tom superficial, discrepante do conjunto do documentário. Embora a versão editada do depoimento de Leach sobre essa área inclua apenas uma referência *en passant* — e não explicada — ao caráter matrilinear da sociedade trobriandesa, ela privilegia seus comentários sobre a "ousadia" daquelas descrições. Isso apesar de Dakowski ter inicialmente assinalado com acerto que o mais importante da contribuição malinowkiana nessa área foi sua preocupação em colocar a "vida sexual" num "contexto muito mais amplo".

Um dos elementos básicos do estilo de Malinowski, através do qual ele esperava transmitir ao leitor uma descrição vívida da realidade nativa, foi o uso sensível de um estilo narrativo no qual o leitor sentia-se transportado até o "campo", como na famosa abertura da descrição de suas pesquisas no início do *Argonautas do Pacífico Ocidental* : "Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas por seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa…" — trecho que serve de abertura ao documentário. Seus realizadores conseguem, seja com suas coloridas imagens modernas da Melanésia ou com a utilização dos registros deixados por Malinowski, construir uma narrativa marcada pela mesma preocupação, revelando coerência entre sua forma e seu objeto. Assim, o filme se revela uma viagem fascinante para o novato na disciplina antropológica e, para o conhecedor da obra

desse autor, uma fonte de novas reflexões sobre uma obra e uma vida que se mostra, quando mais nela nos debruçamos, fascinante.